

Desafios dos professores de artes no Ensino Básico

*Natália Carvalho do Nascimento
Universidade Federal de Roraima
Natalia_carvalho.rr@hotmail.com*

*Fernando Vieira da Cruz
Universidade Federal de Roraima
fvccruz@hotmail.com*

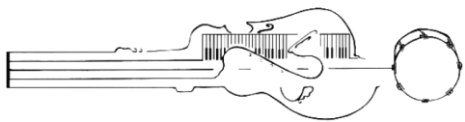
Resumo: Este trabalho tem objetivo de refletir sobre o processo do ensino e aprendizagem na escola Municipal Senador Darcy Ribeiro (ensino fundamental), com crianças da turma do 1º ano A. A partir das experiências de estágio como discente do curso de licenciatura em música da Universidade Federal de Roraima, percebi um descompasso entre a formação do professor, que ocorre em uma das linguagens artísticas, e a atuação em sala de aula, na qual o professor se vê obrigado a lecionar as quatro linguagens de Artes. Assim, apresento algumas reflexões suscitadas durante a experiência de observação.

Palavras-chave: Educação Musical. Música na escola. Arte. Desafios no ensino.

1. Introdução

O estágio é um processo de aprendizado que coloca os professores em formação em contato direto com o campo de trabalho e a cultura escolar (PIRES, 2020). Como articulador dos saberes fundamentais para a formação de professores, o estágio possibilita ir além de verdades cristalizadas e advindas do senso comum, como por exemplo, a ideia de que para ensinar música basta saber tocar um instrumento (PEREIRA, 2022). Pires (2020) aponta ainda outros desafios para a Educação Musical no Ensino Básico, como: pensar o ensino de música sempre improvisado; ensinar música de modo restrito aos elementos da linguagem musical; tomar o conhecimento musical como suficiente para a atuação docente; e outros. Pereira (2020) atribui às experiências anteriores à formação de licenciatura e primeiras experiências tidas em aulas individuais de música como fatores que impulsionam essas ideias pautadas na tradição.

Além disso, outra questão que vem sendo discutida de modo amplo é a atuação polivalente de professores com formação em uma das linguagens artísticas, mas que se veem na obrigação de ensinar as quatro linguagens em sala de aula (Música, Teatro, Dança e Artes Visuais). Essa situação foi observada durante minha experiência no estágio supervisionado do curso de licenciatura em música da qual sou aluna na Universidade Federal de Roraima. Penna (2004a, 2004b) apresenta essa discussão de modo denso a partir das concepções de ensino que vigoraram o Ensino Básico desde a década de 1970 (década da primeira Lei de



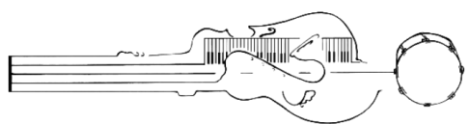
Diretrizes e Base), perpassando a nova LDB 9.394 de 1996 e até a realidade mais próxima aos dias atuais em Penna (2013).

Ou seja, sabe-se que a questão é extensa e não é nova, porém é sempre importante trazer as percepções e reflexões da realidade da sala de aula até mesmo para continuar problematizando a busca por possibilidades de transformações dessa realidade. Desse modo, o presente texto trará algumas reflexões sobre o que pude observar durante o período de estágio. Discutirei alguns aspectos problematizando as questões levantadas sobre a discrepância entre formação de professor e o cotidiano nas escolas. Os problemas observados fora de ordem de formação, condições de trabalho, concepções contraditórias entre essas duas dinâmicas além de outras nuances que foram aparecendo.

2. Desenvolvimento

Durante as experiências que vivenciei nas disciplinas de estágio obrigatório 1 e 2, observei que a professora não se sentiu apta a trabalhar as quatro linguagens artísticas, mas acabou se sujeitando por ser uma necessidade institucional. A escola pareceu impor essa atuação polivalente com base na lei nº 9.394/96 e sua alteração pela lei 13.278 de 2016 sobre obrigatoriedade do ensino de artes nas escolas em suas quatro linguagens, mas pareceu não observar a necessidade de formação específica em cada área. Penna (2013) já observou sobre a possibilidade e problema dessa leitura da legislação, assim o educador com formação em Artes Visuais se viu na obrigação suprir as necessidades e as dificuldades encontradas em sala de aula ensinando, além de Artes Visuais, também Música, Teatro e Dança.

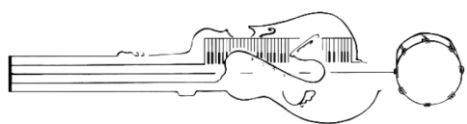
Segundo Barbosa (2006), a arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento humano. A través das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, compreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2006, p. 4). Portanto, penso que o ensino de artes está muito além do domínio técnico de pinturas, danças, interpretações e performance instrumental. A arte, enquanto forma de expressão humana, a meu ver, é uma das possibilidades pelas quais se pode almejar a humanização dos sujeitos para participarem da sociedade de modo autônomo, crítico e protagonista. Pois, como falar de arte, do ensino, se não entendemos o seu verdadeiro propósito? É preciso, então, considerar uma metodologia de ensino e aprendizagem



abrangente na escola, abordando os significados para alunos e professores, além do impacto e o conhecimento musical em diferentes contextos sociais.

No processo de observação das aulas no estágio I e II a professora de artes afirmou trabalhar as quatro linguagens, mas durante as aulas ela abrangia sempre artes visuais e as vezes teatro, pois sentia dificuldade em trabalhar dança e música, mas afirmou ter passado algumas atividades musicais para a turma, como: confecção de instrumentos em sala de aula; exploração de percepção de altura e intensidade e notas musicais; em uma de suas aulas chegou até realizar apresentação de vídeos musicais na tv para conhecer instrumentos, os sons, as notas, pausas etc. (de forma didática o vídeo apresentava perguntas e dentro de instantes dava a resposta, desta forma as crianças interagiam mais na aula respondendo juntos o que era exposto no momento). Estas atividades de vídeo foram desenvolvidas uma vez na biblioteca onde também funcionava a sala de vídeo, após a atividade os alunos retornaram à sala de aula para fazer uma pintura de um dos instrumentos apresentados no vídeo. Sendo escolhido o violão, a turma entrou em acordo para realizar a atividade. Antes de começar a pintura a professora separou algumas folhas de papel em branco para passar na cadeira de cada um desenhando. A professora também pediu a minha ajuda para desenhar os violões, mesmo eu tendo falado que não sabia desenhar. O meu desenho acabou não ficando bom pelos comentários de alguns alunos. Sendo, à priori, uma atividade simples de desenho, mesmo assim encontrei-me em uma situação estreita, o que me levou a refletir: sou professora de música vivenciando a necessidade de dominar algumas técnicas de desenho, como será quando estiver atuando em sala de aula? devo assumir essa responsabilidade que é colocada como dever ou devo me posicionar com firmeza na intenção de atuar apenas com a linguagem musical?

No processo de ensino e aprendizagem a professora aponta desafios pedagógicos, como a necessidades de ter um ambiente preparado na escola para aulas de artes: tendo pincéis, tintas, quadros, folhas entre outros, todo material que pudesse incentivar melhor as habilidades e técnicas, pois às vezes a escola nem sempre tem algum material que o educador precisa em outros momentos não tem onde guardar as atividades realizadas, também mencionou a necessidade de ter uma sala para aulas de música com instrumentos musicais toda preparada e adaptada para as atividades propostas, apontou ainda a necessidade e a importância dos professores de artes terem uma preparação pedagógica para atuação na área musical, tendo pelo menos o conhecimento básico; mais uma vez estava vivenciando a



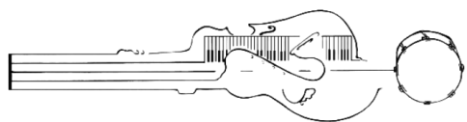
“súplica por uma ajuda”, sendo que não precisava ser nesse ponto. Como já mencionado no texto, os direitos e deveres do professor na educação é um ponto que se não houver uma mudança, estaremos sempre voltando no mesmo problema, portanto é o momento dos educadores musicais terem espaço e seus papéis serem reconhecidos como uma contribuição fundamental para formação dos alunos; o contexto destaca as necessidades e dificuldades que o educador vivenciou. Sobre como atuar de modo efetivo naquele contexto dado, Laima afirma que:

Todo professor tem uma longa trajetória de formação, pois desde o momento em que pensa em ser professor deve encarar o mundo de uma forma diferente, singular. A formação do professor é contínua, cada dia, cada experiência vivida, acrescenta e incorpora nas experiências do professor em sala de aula, possibilitando novas percepções da sua própria atuação pedagógica. O professor deve saber desenvolver as capacidades criativas dos alunos aproveitando ao máximo os momentos das aulas de artes, sem deixar que a aula pareça apenas um momento de descanso, relaxamento ou de passatempo (LAIMA, 2012, p. 34).

Dessa forma, torna-se importante a formação do professor. Como destaca Fleuri (2003, p.15), “é fundamental, ainda, compreender e implementar criticamente a formação dos professores” para que possam desenvolver novas práticas pedagógicas dentro da sua própria experiência e assim promover a criatividade e a curiosidade dos alunos nas aulas de arte levando para a vida as experiências obtidas ao longo do processo de aprendizado escolar. Modinger afirma:

Sabemos que a professora dos anos iniciais do ensino fundamental de boa parte das escolas brasileiras não possui atendimento especializado para este componente curricular nessa etapa da escolaridade. Entretanto muitos cursos de pedagogia, hoje, têm privilegiado algum tipo de formação para das aulas de Arte (MODINGER, 2012, p. 16)

Assim, o ambiente escolar poderia estar melhor preparado para atender as necessidades dos alunos e professores. Isso, proporcionando uma sala apropriada para as atividades de arte e dando condições para o desenvolvimento de estratégias efetivas da atuação do professor. No processo do meu estágio, observei a necessidade da presença de professores com formação em cada uma das linguagens artísticas para trabalharem em suas especialidades, essa seria uma forma de tornar mais efetivo o ensino de artes de modo geral. Ou seja, os problemas que pude observar foram mesmo relacionados à falta de alinhamento entre a formação dos professores, as demandas de trabalho sob condições do sistema de ensino e um ambiente de atuação mais bem preparado.

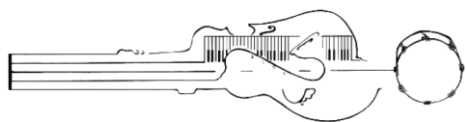


3. Considerações finais

Das reflexões provocadas durante essa minha experiência, penso que seja preciso reconhecer as necessidades e o valor de cada agente no processo de ensino e aprendizagem. Isso inclui a valorização do educador de artes tendo possibilidade de atuação dentro de sua área de formação e competências de domínio. Isso reverbera diretamente no desenvolvimento das atividades e do aprendizado dos alunos, além de permitir uma qualidade de vida ao profissional que não precisará atuar fora de sua área de competência. Sendo assim, e de acordo com Penna (2013), os educadores de artes precisam também unirem-se na luta para conquistar seu espaço na educação e no ambiente escolar de modo alinhado com a formação ofertada nos cursos de licenciatura nas quatro linguagens artísticas. A postura da direção e administração da escola em manter a atuação polivalente pareceu um indicativo de assumir as aulas de artes não como conhecimento fundamental para o desenvolvimento humano, mas pareceu tomar o ensino de artes como uma forma de entretenimento. Não custa lembrar que o próprio termo linguagens artísticas apontam para o domínio de conhecimento que abrange a vida dos indivíduos de modo integral. Dessa forma, repensar o processo do ensino e aprendizagem é sempre um grande desafio, principalmente quando a situação está diante desse disparate entre legislação, administração escolar, a formação dos professores e a realidade da sala de aula.

Referências

- BARBOSA Ana Mae. *Educação para a compreensão de diferentes códigos culturais*. 2006.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDB. 9394/1996.
- FLEURI, R. M. Intercultura e Educação. *Revista-Brasileira de Educação*. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23. Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02.pdf>>. Acesso em 07/12/2022.
- ILARI, Beatriz Senoi. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida, *Revista da ABEM*, porto Alegre, v. 7, p. 83-90, set 2002.
- LAIMA, Irene LIBLIK Regina. *De arte dos anos iniciais do ensino fundamental: formação e atuação*, 2012.
- MODINGER, C.R. SANTOS, C. B; VALLE, F. P. LOPONTE, L. G. *Práticas pedagógicas em artes: espaço, tempo e corporeidade*. Erechim: Edelbra, 2012.
- NASCIMENTO C. Natália. *Relatório final da disciplina de estágio 1*, orientadora: prof. Dr. LAMARA D. SANTOS Katiusca, 2022.



PENNA, Maura. A dupla dimensão da política educacional e a música na escola: A dupla dimensão da política I: – analisando a legislação e termos normativos. *Revista da ABEM*, v. 12, n. 10, p. 19–24, 2004. a. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/358>.

PENNA, Maura. A dupla dimensão da política educacional e a música na escola: II – da legislação à prática escolar. *Revista da ABEM*, v. 12, n. 11, p. 7–16, 2004. b. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/342>.

PENNA, Maura. A Lei 11.769/2008 e a Música na Educação Básica: quadro histórico, perspectivas e desafios. *InterMeio*, v. 19, n. 37, p. 53–75, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2361>.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiro. Estágio Supervisionado Em Música. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS*, v. 28, n. 55, p. 66–93, 2022. DOI: 10.46551/259498102020008.

PIRES, Nair. A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO. *Revista Triângulo*, v. 13, n. 1, p. 140–159, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18554/rt.v0i0.4360>.